

05-08-2021

O Balcão

Leila Uruhay Grienz

[Psicóloga Social. Radialista]

Havia um balcão. Quando os grandes artistas brasileiros, na época da ditadura militar, faziam suas maravilhosas músicas, todos perguntavam: quem estará no balcão? Cantores, compositores, músicos e as próprias gravadoras iam nas rádios caíntuar suas produções. Caíntuar é um termo pouco conhecido, utilizado na linguagem do rádio, para definir a divulgação de uma música. Algumas vezes era oferecido um jabaculé, espécie de propina, para garantir que a música ou o disco fosse tocado com frequência estratégica, garantindo a propaganda subliminar que transforma, até hoje, pequenas marcas em grandes marcas. Tudo era grande antes da ditadura brasileira. Nas décadas de 1950 e 1960 ainda havia a esperança de um Brasil grandioso nas grandes reformas esperadas e reivindicadas: agrária, urbana, saúde, educação, habitação, transporte, renda, direitos humanos e liberdade...

Nas artes, o Brasil chamava a atenção do mundo no cinema, na arquitetura, no teatro, nas artes plásticas, na dança e, principalmente, na música. Aí veio a ditadura que, pra não fugir à regra, tornou-se também grande. Grande nas violações dos direitos humanos, políticos, culturais, artísticos... nas grandes torturas e grandes assassinatos e desaparecimentos e no tema deste texto: as grandes censuras. O grande monstro da censura foi parido: no parlamento, na imprensa, nas escolas, em todas as artes, em todas as partes... E como se não bastasse a sordidez da ditadura, após o AI-5, em 1968, a ditadura ficou pior ainda para a música brasileira.

Com 15 anos, quando comecei a trabalhar no rádio, meados da década de '70, eu ouvia sem nada entender daquela conversa dos meus chefes sobre o Balcão, logo eu uma menina do interior de Santa Catarina. Para mim, Balcão era aquele balcão que vocês conhecem, o balcão da mercearia, do açougue, da padaria. Mas o balcão a que eles se referiam era o balcão das radiodifusoras do país na época da ditadura (1964-1985). Era no balcão das rádios de grande audiência que os artistas iam caíntuar suas músicas e, eventualmente, dedicar um tímido e modesto jabaculé, perto dos ultramegajabaculês que hoje regem as relações políticas de governabilidade anti-impeachment. Os artistas, então, levavam suas amostras para os animadores dos programas, os que deveriam ser os verdadeiros “chefes do balcão”. Mas se deparavam com outros chefes, grandes chefetes paus-mandados da ditadura.

Ora ignorantes idiotas em matéria de poesia, ora idiotas ignorantes em matéria de música, usavam suas prerrogativas de grandes censores para nos privar da beleza e do prazer de desfrutar da grande magia da criação humana.

Antes da liberação de uma música, o balcão composto por três censure/as, lembrando um tribunal da Inquisição da Idade Média, condenavam a obra à fogueira. Sorte daqueles artistas que não eram eles mesmos enviados à fogueira, nas grandes masmorras da ditadura, embora alguns até tenham sido.

Tenho uma grande curiosidade de saber o que passaram a fazer esses grandes energúmenos a serviço do mal, após o fim da ditadura militar. Imagino em que esgoto da sociedade se esconderam. Os sobreviventes, nesse governo, devem exultar por terem suas sórdidas missões novamente valorizadas. Tudo bem que eles e elas obedeciam ordens de grandes boçais, mas não devemos esquecer que a decisão do carimbo de censurado era sempre deles, dos censores energúmenos investidos de um poder ilegítimo. Portanto, eram todos também grandes boçais. E hoje, no Brasil, os grandes boçais, paus-mandados e bem pagos, difundem mentiras e mensagens de ódio contra tudo e contra todos os que não defendam o porta-voz da volta da ditadura. Ninguém sabe ao certo quantos censores existiram no Brasil. Há documentos “oficiais” que falam em 221. Mas, a Academia Nacional de Polícia, em 1974, promoveu 1.980 seminários para a formação de censores. O que se sabe é que em cada show musical, cada peça de teatro, cada redação de jornal, cada rádio “suspeita”, no Brasil inteiro estava lá um/a energúmeno/a a vigiar e dar sua carteirada se preciso fosse.

Seria como perguntar hoje: quantos energúmenos estão na rede social espalhando fake news a favor do governo genocida? São milhões de postagens diárias nas redes sociais fazendo uma censura das verdades para nos proteger do fascismo.

O Balcão hoje é virtual. Atacam a cultura, a arte, a criação sempre em nome da moral e dos bons costumes e da política que desejam, como era feito na época da ditadura. E a política que eles querem nós já sabemos qual é: a do golpe, do AI-5, da ditadura, do fascismo e, claro, da censura. Hoje, pior ainda por quererem acabar com o Estado Laico brasileiro. Na época, nem os militares se atreveram a tanto e ninguém sabe ao certo quantas milhares de músicas foram censuradas e, dessas, quantas se perderam no tempo sem termos tido a humana oportunidade de conhecê-las. Em alguns casos, as músicas nem precisavam chegar no balcão. Era o caso do Sérgio Ricardo, Chico Buarque, Taiguara, entre outros, sempre previamente censurados. Chico, inclusive, gravou com pseudônimo, para não ir ao balcão, por exemplo, como Julinho da Adelaide na música Acorda Amor. Eram censuradas pelos energúmenos por diversos motivos: crítica política, linguagens regionais e culturais, referências à sexualidade e à liberdade, tudo em nome da “moral e dos bons costumes”. Imagino um debate de três energúmenos examinando a música Chega de Saudade de Tom Jobim e Vinícius de Moraes, especialmente no trecho:

(...) **Mas se ela voltar que coisa linda, que coisa louca /**

Pois há menos peixinhos a nadar no mar /

Do que os beijinhos que eu darei na sua boca (...).

Energúmeno 1 – É um absurdo! Como pode haver menos peixinhos no mar do que os beijinhos que esse imoral pretende dar nessa mulher devassa?

Energúmeno 2 – É uma cena de sexo explícito e ainda ofende a marinha brasileira que defende o nosso mar!

Energúmeno 3 – Imoral: CENSURADO!!!!

Nossa sorte é que a música foi gravada por Elizeth Cardoso em 1958, bem antes do golpe militar de 1964.....

Fontes:

■ file:///C:/Users/Windows%2010/Downloads/7940-22616-1-PB.pdf

■ <https://www.afj.br/bach/files/2016/10/PAULO-DE-TARSO-INOC%3%8ANCIO.pdf>

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.